



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O Cristo de Glauber

Inspirado no Evangelho segundo São Mateus, do italiano Pier Paolo Pasolini, o baiano Glauber Rocha imaginou o filme *A idade da Terra*, uma missa bárbara protagonizada por quatro Cristos, que ressuscitam para fazer a revolução do Terceiro Mundo. Brasília é o cenário para as intervenções do mais inflamado deles, o Cristo negro, Kristo Zumbi (Antônio Pitanga).

Vestido com roupas multicoloridas africanas, sob os ventos sibilantes do

planalto, ele faz um discurso delirante no alto da Torre de Televisão, em cena shakespereana: “Bem-aventurados os miseráveis. Bendita a bomba atômica, a grande prostituta da Babilônia. Benditos os loucos, pois eles herdarão a razão.”

Ao carregar uma cruz na antiga Ponte Costa e Silva (atual Ponte Honestino Guimarães), o Kristo Negro é acompanhado pela voz de Glauber em off, para comentário sobre Brasília: “Metáfora que não se realiza na história, mas preenche um sentimento de grandeza.” Nesse período, Glauber trabalhou na redação do **Correio Braziliense**, a convite de Oliveira Bastos, editor-chefe, e de Fernando Lemos, editor-executivo.

Na Semana Santa, Glauber reuniu vários amigos e editou um suplemento especial revelador de suas inquietações sobre a figura de Cristo naquele momento. Vladimir Carvalho foi intimado a escrever um poema: “Pega alguma coisa do seu baú de poemas”, ordenou Glauber. Vladimir não tinha nada no baú de poemas, mas escreveu: “À frente o caminho, / o horto deserto, / A mesa sem vinho. / Percutem o vento e o chicote, / uma sensação de cardos / sobre a frente. / A vida se desprende num filete / Síncope e esfumatura, / Uma grua o sustém no alto. / Por fim, o close fatal e o sudário.”

O poeta Francisco Alvim também foi convocado por Glauber e compareceu com o poema Exórdio: “Ó líricos

evadidos / da rotina dos ofícios / cativos seres humílimos / da incongruência afetiva / É forçoso que vos diga / que estais nus e o valor vosso / (não) há mais como poupá-lo / será submetido à prova”.

Glauber estava desencantado com as ilusões armadas e os dogmatismos da esquerda. Mas não se entregava ao egoísmo das direitas. Queria uma esquerda à esquerda da esquerda, uma esquerda cósmica, transcendente. O suplemento tem como título *Alvorada*, com a epígrafe antropofágica de Oswald de Andrade: “Tupi or not tupi”, de Oswald de Andrade.

De fato, em atitude antropofágica, Glauber associa livremente as figuras de Zoroastro, Zaratustra, Prometeu e

Cristo. Em sintonia com as doutrinas espiritualistas primitivas, acredita que os mortos mantêm conexão e inspiram os vivos: “Os mortos estão vivos desintegrados na matéria subterrânea que germina nossas raízes. Os mortos são nossos inconscientes campos adubos, alicerces em busca da reintegração da ressurreição da rematerialização dos mortos em novos corpo de almas novas. Cada morto é uma estrela. Estrelas anjos do sol”.

Em voo de poeta, Glauber reinventa Cristo na condição de personagem-mito ressuscitado no Terceiro Mundo: “Não acredito no Cristo crucificado. Acredito no Cristo ressuscitado no êxtase do amor. A morte é uma invenção da direita”.

» Entrevista | ANDRÉ WATANABE | CIRURGIÃO DO APARELHO DIGESTIVO

Ao CB.Saúde, o médico falou que o tempo de espera para o transplante de fígado no DF é um dos menores do país. Em média, é realizado um procedimento a cada três dias na capital. Número de casos de cirrose hepática gordurosa preocupa

Brasília lidera em transplante

» JOSÉ AUGUSTO LIMÃO*

O Distrito Federal está em primeiro lugar no país em número de transplantes de fígado por milhão de habitantes. Em média, é feito um a cada três dias. A informação foi dada pelo cirurgião do aparelho digestivo responsável pelos programas de fígado do Instituto de Cardiologia e Transplantes do DF e Hospital Brasília,

André Watanabe, no CB Saúde — parceria entre Correio e TV Brasília — de ontem. À jornalista Carmen Souza, o cirurgião afirmou que 95% dos pacientes que desenvolvem câncer têm cirrose. O convidado chamou a atenção para a grande ocorrência de doença hepática gordurosa não alcoólica, que não está relacionado à ingestão de bebidas.

O transplante de fígado é uma cirurgia complexa, mas muito recorrente aqui no Distrito Federal, não é isso?

O transplante de fígado é uma cirurgia de grande porte, era uma cirurgia que, no passado, levava oito, nove horas. Hoje com o avanço da técnica a gente consegue fazer em quatro, cinco horas, mas ainda assim é um procedimento complicado, num paciente grave, que está muito doente. Aqui em Brasília nosso programa começou em 2012, pois, até essa época o Distrito Federal não fazia esse tipo de procedimento. Então, de lá pra cá nós já realizamos

quase novecentos transplantes de fígado. Tem uma média de mais de cem por ano, ou de um a cada três dias. É um procedimento que traz muitos benefícios para esses pacientes terminais que, se não conseguirem o transplante, eles acabam falecendo.

Até chegar ao transplante do fígado tem todo um comprometimento do órgão, e diferentes causas levam a essa falência, como ingestão de álcool, o vírus da hepatite e o fast-food. Quais são as principais?

Eu acho que esse ponto é

Mariana Lins/Esp.CB/D.A Press



importante, pois isso tem mudado nos últimos anos. Se a gente olhar o histórico no Brasil, a primeira causa que levava à cirrose e à fila do transplante de fígado era a hepatite C, seguida do álcool e, depois, outras várias doenças. Mas com os novos tratamentos de hepatite C que o Ministério da Saúde disponibilizou nos últimos anos isso tem mudado. O álcool passou a ser a primeira causa, seguido da hepatite C e

em terceiro uma coisa muito importante é o que a gente chama de doença gordurosa não alcoólica. São aqueles pacientes que têm deposição de gordura no fígado e essa gordura vai inflamando o fígado ao longo dos anos, causando cirrose. Isso tem tudo a ver com os hábitos do paciente. Tem a ver com síndrome metabólica de paciente que tem hipertensão, diabetes, obesidade, hábitos alimentares inadequados,

falta de atividade física, tudo isso contribui para essa deposição de gordura. Nos Estados Unidos, onde a gente tem uma epidemia de obesidade, já é a segunda causa mais importante que leva pra fila do transplante de fígado. Então isso eu acho que é um ponto muito importante a ser tocado, porque essa doença tem avançado, que a gente chama de doença hepática gordurosa não alcoólica, ou seja, não está relacionado

à bebida, está relacionado à obesidade e às doenças relacionadas à obesidade.

A fila de espera aqui em Brasília é bem menor também comparado com outras unidades da federação. Quanto tempo que alguém precisa de transplante de fígado espera aqui no DF em média?

A gente tem essa estatística que nós fizemos esse levantamento é em torno em média, óbvio que varia bastante de tipo sanguíneo, mas em torno de 45 dias. É uma das filas mais rápidas do Brasil. A gente faz um número muito grande de transplante contando a nossa população, tanto que o DF é o primeiro em número de transplantes de fígado por milhão de habitantes. Só pra você ter uma ideia, em São Paulo, onde a gente tem uma fila de transplantes muito grande, às vezes o paciente chega a esperar seis meses, nove meses ou até um ano para conseguir um doador compatível. Então, realmente o Distrito Federal nesse ponto, ele é um exemplo.

*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado

TELEVISÃO

Jornal da TV Brasília faz vinte anos

» CAMILLA GERMANO

Às vésperas do aniversário de Brasília, da TV Brasília e do **Correio Braziliense**, um dos principais programas de TV no Distrito Federal, o Jornal Local, fará a celebração dos 20 anos de estreia. A emissora, que foi precursora em várias mudanças no jornalismo e um portal de talentos, planejou uma semana de intercâmbio entre gerações para celebrar as duas décadas de existência.

“O JL é a expressão de um

tempo, um povo e seu lugar. Nossa identidade sempre foi apostar numa linguagem mais livre, criativa, inovadora e independente. Essa liberdade nos permite antecipar tendências e traduzir o sentimento do brasiliense com paixão e verdade. Prova disso é que somos o maior portal de talentos de uma cidade que pulsa pioneirismo, transformações e adaptação às mudanças que não param”, afirma Patrício Macedo, gerente de Jornalismo da TV Brasília.

Para Guilherme Machado, vice-presidente executivo do

Correio, o programa é motivo de orgulho para Brasília. “Há 20 anos, oferece à população da cidade e do Entorno informações com credibilidade e imparcialidade. Os índices de audiência diários são prova desse sucesso”, afirma.

Histórico

Lucas Móbbile é o atual apresentador do JL e começou como estagiário, depois como repórter até ser o substituto da apresentadora Gláucia Guimarães. Aos 23 anos, ele é o apresentador mais jovem do programa. “Eu fui de fã da TV Brasília, fã do Jornal Local, para apresentador”, revela.

Ele ressalta ainda a importância do programa no cenário local e não esconde o quanto ama o desafio. “Um dos jornais mais populares completando 20 anos e eu dando voz, trazendo a nossa realidade para que todos conheçam, defendendo e cobrando por aquilo”, destaca o apresentador.

A essência do telejornal permaneceu ao longo dos anos e fez história ao apresentar novas maneiras de fazer um jornal para televisão. “São duas décadas investindo em formatos de vanguarda: fomos o primeiro telejornal a deixar a tradicional bancada para ter apresentadores em pé no estúdio. Depois implementamos um dos primeiros newsroom do país, onde podíamos ver ao

fundo os colegas trabalhando na redação”, destaca Patrício. “Foi o JL quem também substituiu os “talking heads”, um tipo de âncora que apenas lê notícias por apresentadores mais analíticos e opinativos. E há dez anos já adotamos a linguagem selfie, com o uso de celulares pelos repórteres. O JL também persegue maior integração digital direta com o público nas transmissões ao vivo”.

Sandra Amaral foi a primeira editora-chefe e apresentadora do canal e participou de duas reformulações no formato e linguagem do JL. Em 2003, o programa passou por um outro processo de reformulação que colocou os repórteres mais integrados na notícia. Idealizado pela terceira editora-chefe e apresentadora, Simone Souto, e Luís Eduardo Leão, que decidiram por não fazer as tradicionais “passagens” — em que o repórter dava a notícia parado e em pé — para os “planos-sequências”, estilo em que o repórter se movimentava e participava mais ativamente do conteúdo.

Celebração

Entre os dias 17 e 21 de abril, muitos dos apresentadores que fizeram sucesso no Jornal Local vão participar de uma grande homenagem para apresentar uma edição ao vivo.

Ao todo, oito apresentadores vão retornar e outros

convidados surpresas tem presença confirmada. O objetivo é resgatar a memória jornalística, cultural, histórica e afetiva da cidade e da emissora.

Estarão presentes: Sandra Amaral (a primeira editora-chefe do programa), Williane Rodrigues (TV Câmara), Simone Souto (apresentadora mais longeva do JL), Tatiana Rodrigues (ex-Globo

e trocou jornalismo pela psicologia), Gabriela Mendes (EBC e Voz do Brasil) e André Giusti (poeta, escritor e autor de nove livros), Carlos Capelli (ex-Globo que atuou como repórter na TV Brasília durante 6 anos), Maju Mendonça e Rafaela Vivas (editoras e apresentadoras das versões noturnas e matutinas do jornal que vai ao ar na hora do almoço).

Carlos Vieira/CB



Lucas Móbbile começou como estagiário e hoje apresenta o jornal